



## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Camelia Amada São Francisco Guedes

### **CARTAS PRA NINGUÉM:**

**Uma experiência em dramaturgia no espaço biográfico.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Bacharelado em Teatro da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.

Orientador: Professor Alberto Ferreira da Rocha Jr.  
Departamento de Artes da Cena (DEACE)

SÃO JOÃO DEL-REI

MINAS GERAIS

2019

“Il faut se prêter aux autres et se donner à soi-même.”

Montaigne

## **RESUMO**

O trabalho descreve o processo de escrita da dramaturgia do espetáculo Cartas pra Ninguém. Discorre sobre conceitos da autobiografia e do espaço biográfico e argumenta sobre a importância do gênero autobiográfico para a criação dramática contemporânea.

Palavras-chave: Dramaturgia, autobiografia, teatro.

## **INTRODUÇÃO: Minha trajetória acadêmica e o encontro com o tema de pesquisa.**

Eu sempre digo que “75% de tudo que falo é verdades. Os outros 25% são só pra você prestar mais atenção em mim. ”

Afinal de contas, fatos sozinhos não sustentam uma boa narrativa.

Tenho como tradição em minha família a “Roda de histórias”. Contos, causos, fábulas, passadas religiosamente de geração em geração e que ganham novas versões, mais ricas em elementos a cada vez que contadas.

Percebo que talvez o meu interesse pelo teatro tenha nascido dessa tradição. Do apego e do ato de colecionar memórias e repassá-las.

E contar boas histórias dependeu sempre de como se trata a narrativa. Num trabalho quase artesanal de lapidação dos ocorridos.

Desde o início da minha formação na UFSJ e por todo o curso acabei me interessando em frequentar disciplinas que abordassem de algum jeito a análise do ato de contar histórias, o exame e estudo de dramaturgias. Inconscientemente era a maneira que eu encontrava de manifestar meu desejo por me aprimorar nessa área, mesmo ainda não tendo certeza de a que campo do teatro eu dedicaria minha pesquisa. Ainda era uma curiosidade apenas, apoiada no hábito de escrever diários, poemas, crônicas ou apenas recados. Disciplinas como “Introdução à dramaturgia”, na qual pude ter contato com textos clássicos e inclusive com o manual de escrita de uma boa tragédia que é *A Poética*<sup>1</sup> de Aristóteles, e a disciplina “A História do Drama”, na qual analisávamos os textos dramáticos de forma técnica e política, ampliando para mim o papel de um texto teatral, são alguns exemplos das matérias que foram me aproximando e revelando, mesmo que superficialmente, a ação da escrita cênica. Outro fator determinante foi a “descoberta” da (auto)biografia e do

---

<sup>1</sup> A *Poética* é um conjunto de anotações das aulas de Aristóteles sobre o tema da poesia e da arte em sua época. Talvez seja o primeiro escrito conhecido que procura especificamente analisar determinadas formas da arte e da literatura, também um registro limitado de como era a arte grega em seu tempo.

espaço biográfico como linguagem de elaboração teatral. “A escrita autobiográfica e a cena teatral”, “Diálogos sobre a prática”, e as aulas sobre performance arte, nas quais trabalhamos conceitos de (auto)biografia, espaço biográfico, autoficção e memória como recursos para a escrita e concepção artística que dialogam com as demandas das linguagens teatrais mais contemporâneas e o teatro pós-dramático<sup>2</sup>, foram essenciais à minha formação. Elas me aproximaram do que seria futuramente meu objeto de pesquisa na graduação e do estilo de criação dramaturgica que me causa maior fascínio. Pude verticalizar essa pesquisa durante minha participação em grupos de extensão e pesquisa que tratavam dessa temática, e assim produzir meus primeiros trabalhos acadêmicos dentro desse assunto.

O projeto “Transeuntes - Grupo de estudos em performance e teatro performativo” tem como questão estudos teóricos e experimentações práticas sobre o teatro nas ruas que visam a inserir o espectador na concepção dos processos criativos. Nele, além de estar envolvida em montagens de espetáculos que foram muito importantes no meu desenvolvimento artístico/acadêmico, pude desenvolver rapidamente o aspecto de criação artística ligada à performance<sup>3</sup>, especialmente sob a vertente da performance autobiográfica. Citarei aqui como exemplo, a performance “Limítrofe-Contenção”, de minha criação, para a qual me baseei na minha condição de pessoa com Transtorno de Personalidade Limítrofe, também chamado de Transtorno de Personalidade *Borderline* (TPB), e que serviu inclusive de inspiração para uma das cenas presentes no espetáculo Cartas pra Ninguém.

A performance tinha como cenário um cubículo feito com cortinas de banheiro. Eu me encontrava lá, vestida somente com calcinha e sutiã e com o corpo

---

<sup>2</sup> A denominação teatro “pós-dramático” foi formulada pelo crítico e professor de teatro alemão Hans-Thies Lehmann em seu livro *Teatro Pós-Dramático* (2007). Lehmann trata do surgimento de um teatro que rejeita o Drama clássico burguês e traz novos paradigmas para a cena e dramaturgia principalmente quanto à emancipação da cena em relação ao texto. Nas palavras dele: “Nas formas pós-dramáticas, o texto, quando (e se) é encenado, é concebido, sobretudo como um componente entre outros de um contexto gestual, musical, visual etc. A cisão entre o discurso do texto e o do teatro pode se alargar até uma discrepância explícita e mesmo uma ausência de relação”. (LEHMANN, 2007, p.75)

<sup>3</sup> Refiro-me aqui à *Performance Art*, forma de arte que combina elementos do teatro, das artes visuais e da música. O performer segue uma linha de apresentação dentro da estética do teatro pós-dramático. Não há uma representação e sim o compartilhamento de um recorte de vida. “Muitas vezes, o ator pós-dramático não é mais alguém que representa um papel, mas um performer que oferece à contemplação sua presença no palco”. (LEHMANN, 2007, p.224)

coberto por uma tinta que tinha a intenção de evocar a cor da carne humana, seus músculos. Um corpo sem pele. Enquanto se ouvia um áudio gravado por mim lendo a bula de todos os medicamentos que já tomei prescritos para as diversas disfunções emocionais e psicológicas das quais eu me tratei, ressaltando os efeitos colaterais dessa medicação. Eu me enrolava completamente em plástico filme, cobrindo inclusive as vias aéreas. Ao final, com o corpo todo coberto pelo plástico, eu começava a rasgá-lo utilizando uma faca.

Essa performance inspirou a criação da cena 7 (ver dramaturgia em anexo) em que o personagem Rafa envolve a personagem Gabi em plástico filme enquanto descreve o TPB.

Outro projeto significativo foi “Araci: teatro, contemporaneidade e extensão universitária” no qual a presença da (Auto)biografia na elaboração cênica era constante. Trabalhávamos, além da (auto)biografia, o espaço biográfico e a memória numa criação cênica não realista que investiu na corporeidade, isso tudo voltado para um recorte Político, de Direitos LGBTQI+ e teoria *Queer*. Nesse grupo tive a oportunidade de investigar essa matéria em iniciações científicas, além da montagem do espetáculo Araci, no qual utilizávamos nossas memórias na elaboração da peça.

Pude observar a potência dessa ferramenta na construção dramaturgica e seu apelo tanto para os atores que trabalham suas histórias quanto para o público. Percebo a forte demanda de espetáculos com esse tipo de narrativa marcada pelo que Leonor Arfuch (2010) chama de “expressão mais imediata do vivido, do autêntico, do testemunhal” (p.37) em um mundo dominado pelas fotografias do tipo “selfies” e de incrível automediatização. Esse mundo, no qual as fronteiras entre o privado e o público se tornam cada vez mais tênues, aumentando dessa forma o interesse pela vida do outro numa busca de identificação e que, ao mesmo tempo, possui uma tônica individualista na qual a autoanálise e o discurso sobre si são valorizados até mesmo como documentação histórica de uma época. Nesse sentido a autora complementa:

O avanço irrefreável da midiatização ofereceu um cenário privilegiado para a afirmação dessa tendência, contribuindo para uma complexa trama de intersubjetividades em que a superposição do privado sobre

o público, do *gossip* - e mais recentemente do *reality show* - à política excede todo o limite de visibilidade. (ARFUCH, 2010, p.37)

## **DESENVOLVIMENTO: O PROCESSO DE ESCRITA**

Na medida em que me aproximava do período em que teria que iniciar o processo de Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharel em Teatro ficava mais forte em mim a vontade de desenvolver um espetáculo cuja dramaturgia fosse inédita e de preferência de minha autoria. Existia em mim uma necessidade de colocar em pauta alguns assuntos que acreditava serem relevantes. Algumas percepções pessoais e especialmente a minha condição de Pessoa com Transtorno de Personalidade Limitrofe ou *Borderline*<sup>4</sup> por considerar esse tema ainda pouco difundido e pouco explorado teatralmente.

Ao mesmo tempo, durante a graduação desenvolvi um grande entusiasmo e apreciação pelo estudo da (Auto)Biografia e do Espaço Biográfico e de seu potencial cênico. Questões como “O que determina o Eu” ou “O que separa o Meu do Nosso” me provocavam artisticamente. Em que ponto é possível separar o que determina minha história ou que parte do outro afeta minha vivência e minha biografia eram constantes no meu imaginário.

Podemos fazer aqui um breve adendo para minimamente familiarizar o leitor deste trabalho com os conceitos de autobiografia, autoficção e Espaço Biográfico.

Arfuch (2010, p.52) traz a definição dada pelo escritor Phillipe Lejeune: “A autobiografia consistirá no “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando sua vida individual, particularmente a história de sua personalidade” (1975, p.14)”.

---

<sup>4</sup> Segundo o artigo “Transtorno de personalidade Borderline: Estudos brasileiros e considerações sobre a DBT” de autoria de Débora Cassiane Finkler, Julia Luiza Schäfer e Ana Cristina Wesner (2017, p.275), “o transtorno de personalidade *borderline* (TPB) é um quadro complexo, caracterizado pela quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 1 (*American Psychiatric Association* [APA], 2014) por um padrão difuso de instabilidade nas relações interpessoais, na autoimagem e nos afetos, acompanhado de impulsividade acentuada presente em vários contextos.”

Podemos ampliar esse conceito com a definição encontrada no artigo Autobiografia, de Daniele Cristina Agostinho Silva (s.d.), mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, encontrada no site infoescola.com:

A autobiografia é um tipo de gênero literário que constitui uma narrativa de caráter pessoal e o seu traço mais significativo é a inserção do próprio escritor como personagem principal. A autobiografia ora apresenta um resgate memorialístico (baseado na realidade), ora constrói a trama com os fios da ficção.

Como a autobiografia é construída a partir de memórias e de um ponto de vista subjetivo é necessário reconhecer que existe a possibilidade de uma certa incompatibilidade desse resgate memorialístico com a versão dos fatos aceita como verdade, ou realidade. É aí que podemos observar o caráter autoficcional de algumas autobiografias:

O valor auto referencial do estilo remete, pois, ao momento da escrita e ao “eu” atual. Essa auto referência pode se mostrar um obstáculo para a captação fiel e reprodução exata dos acontecimentos passados. (STAROBINSKI *apud* ARFUCH, 2010, p.53-54)

Outro aspecto que podemos considerar da autobiografia é a construção desse sujeito que conta a própria história. Como se deu a formação de sua subjetividade e quais elementos contribuíram para a elaboração desse EU? Nesse momento é preciso estar ciente de um outro conceito: o espaço biográfico. Podemos dizer que o espaço biográfico é a interlocução das inúmeras histórias que nos atravessam de alguma forma e que nos compõem enquanto indivíduos. Encontramos em (ARFUCH, 2010, p. 58) a definição de Lejeune, sendo o espaço biográfico um “reservatório das formas diversas em que as vidas se narram e circulam”. Mas a própria autora acusa que essa definição não é suficiente e produz mais sentido se aliada à elaboração de Bakhtin:

Um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida. (BAKHTIN *apud* ARFUCH 2010, p.55).

Arfuch ainda completa:

Em minha hipótese, é precisamente esse valor biográfico-heroico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou no amor aos próximos, que impõe uma ordem à própria vida - a do narrador, a do leitor - à vivência por si só fragmentária e caótica da identidade o que



constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do espaço biográfico. (ARFUCH, 2010, p.56)

Nosso objetivo foi pesquisar os procedimentos de construção de uma dramaturgia na qual as histórias pessoais de cada um pudessem se mesclar e tornar-se uma nova história, pertencente a todos e ao mesmo tempo a ninguém. Dessa maneira desenvolveu-se um desejo, descrito inclusive no projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC1), de que a construção da dramaturgia fosse feita dentro dos moldes tradicionais do Processo Colaborativo<sup>5</sup> e assim fosse um reflexo do processo de ensaio. Partiríamos de textos pessoais que retratassem momentos íntimos meus e que foram, em sua maioria, publicados durante a graduação no meu perfil pessoal do *Facebook* integrando uma série que chamei de Cartas pra ninguém. O nome foi um artifício que utilizei para que não pairasse a dúvida de que se aqueles textos seriam sobre alguma pessoa específica, ou seja, se teriam destinatários reais ou “alvos”. Nesses textos abordo de maneira lírica e até por vezes hermética, minhas inquietações a respeito do dia a dia, percepções, relações interpessoais, sentimentos e a minha condição de *Borderline*. A dramaturgia seria fundamentada nesses textos aliados a um trabalho de edição de imagens memoriais estimuladas por esses mesmos textos em um coletivo de atores. O objetivo não era construir uma dramaturgia documental, ou seja, de exposição simples de lembranças, mas sim criar um espetáculo no qual essas memórias fossem combustíveis para a construção de textos e ações que causassem identificação e pudessem ser assimiladas pelo público em geral.

Para isso elaborei um cronograma de ensaios somente com os atores envolvidos: eu, Camelia Amada Guedez, Gabriela Lucenti, Rafael Pinheiro e Paloma Arantes sendo que essa última teve que se retirar do processo antes do seu início, por razões pessoais, permanecendo somente os três primeiros até o final. Nesses ensaios esperava conduzir algumas dinâmicas que tinham

---

<sup>5</sup> O Processo Colaborativo ao qual me refiro é uma forma de criação que, nas palavras de Antônio Araújo em seu livro “A gênese da vertigem: O processo de criação de O Paraíso Perdido” (2011), “[...] constitui uma metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, e sob um regime de hierarquias móveis ou flutuantes, tem igual espaço propositivo, produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos.” (p.131). Difere da Criação Coletiva pela manutenção das funções artísticas, garantidas e pactuadas antes do início dos ensaios.

entre seus objetivos principais sistematizar um treinamento dos atores voltado para a criação colaborativa, trabalhar os conceitos de (auto)biografia, espaço biográfico, autoficção e estimular através de exercícios, atividades e jogos de improviso a escrita cênica. Era frisado a todo o momento que tudo, absolutamente tudo, nesse processo poderia ser material dramático, uma vez que a proposta do espetáculo era abordar também a metalinguagem ou metateatro.

A partir do material levantado nessa série de ensaios coordenados por mim, eu supervisionaria a criação colaborativa e finalizaria o texto dramático do espetáculo.

Começamos essa primeira parte do trabalho em setembro de 2017, com dois ensaios semanais na tentativa de levantar esse material.

Estruturamos uma rotina para os ensaios que alternava em cada dia as atividades propostas. Uma coisa era fixa: o aquecimento e alongamento eram embalados por músicas que fossem de alguma forma, caras para nós. Ou que nos remetesse a alguém ou a algum lugar do passado, ou que tivessem relação com o trabalho a ser montado. Era um repertório bastante eclético que tinha como finalidade “acordar nossos corpos” naquelas manhãs, dispersar ou aliviar preocupações e tensões acumuladas com questões pessoais e preparar nosso físico para as práticas propostas. Tenho um carinho especial por esse momento do ensaio por se mostrar, além de eficiente ao que se propunha, bastante divertido e relaxante. Não por acaso foi uma das primeiras ideias adequadas e incorporadas ao texto: o prólogo da peça.

Outras ações eram alternadas fazendo assim com que cada dia de ensaio fosse temático.

Algumas vezes trabalhávamos com improvisos de partituras de movimentos a partir das “cartas” (textos de minha autoria), outras vezes improvisos de partituras de movimento a partir de estímulos sonoros e/ou musicais.



(Figura 1: Criação de instalação a partir uma das cartas. Foto de Camelia Amada)

Muitas vezes fazíamos exercícios propostos pelos atores, como criação de partituras físicas baseadas em sensações provocadas por cores. Tínhamos o momento chamado “Mostre e Conte”, no qual trazíamos algum objeto que tivesse forte significado afetivo para nós e contávamos sua história; fazíamos desenhos, trabalhávamos com tecidos, oficinas de técnicas circenses, meditação e tantas outras investidas, devidamente documentadas em fotos e vídeos, que infelizmente se mostravam infrutíferas para a criação do texto. Devo confessar que esse insucesso estava me preocupando e me consumindo. Comecei a duvidar da concretização do espetáculo e até mesmo do meu lugar dentro do ofício teatral. Tinha a nítida certeza de que toda aquela “improdutividade” era culpa minha, que falhava em estimular de forma eficiente os atores na elaboração de uma escrita teatral.



(Figura 2: Dinâmicas com tecidos e cores nos ensaios. Foto de Gabriela Lucenti)

(Figura 3: Partituras de movimentos a partir de estímulos musicais. Foto de Rafael Pinheiro)

Um dos últimos esforços para salvar o projeto foi o convite a Sebastian Jr, na época ainda estudante de graduação em Bacharelado em Teatro, para que aplicasse uma oficina de escrita dramática. A ideia era que essa oficina compreendesse exercícios que fomentassem e facilitassem nossa produção escrita. Trabalhamos, durante algumas horas, técnicas de “aquecimento criativo”, como escritas em fluxo e descrição do espaço. Elaboramos pequenos textos a partir de parâmetros como QUEM, QUANDO, ONDE. Fizemos redação em grupo e composições de temática livre, entre outros exercícios de escrita. Mais uma vez um esforço fracassado. Apesar de que essa oficina foi de grande proveito para mim em outro momento do processo.

Diante de tanto desapontamento e com uma sensação de desorientação, depois de oito encontros, achei melhor suspender o processo para que eu pudesse reavaliá-lo para, quem sabe, dessa forma poder retomá-lo por outro caminho.

Foi um momento de crise, de grande tristeza e que colaborou para um quadro psicologicamente instável que desembocou mais tarde num surto psicótico, do qual falarei mais adiante.

Perante a frustração do meu propósito inicial de construir a dramaturgia e o espetáculo no molde colaborativo tradicional<sup>6</sup> decidi por escrevê-la sozinha, numa metodologia que costumam chamar de Dramaturgia de Gabinete<sup>7</sup>. Começava aí mais um capítulo cheio de empecilhos, a começar pela minha desconfiança de sempre quanto ao meu trabalho e a enorme dificuldade que tive de inicializar essa escrita. Estava temerária em relação ao projeto, principalmente depois do fracasso da primeira tentativa de fazê-lo. Aliado ao péssimo hábito que tenho de procrastinar tarefas quando estou insegura

---

<sup>6</sup> Refiro-me aqui a uma forma de escrita na qual o responsável pela organização dramática está presente na sala de ensaio durante todo o processo. Segundo Araújo, “[...] pensamos a dramaturgia como uma escrita da cena e não como escrita literária, aproximando-a da precariedade e efemeridade da linguagem teatral.” (2011, p.134)

<sup>7</sup> Dramaturgia de Gabinete é um termo usado para descrever a maneira de produção dramática solitária, encerrada somente na figura do dramaturgo que o faz sem que haja uma contribuição efetiva do restante dos envolvidos no curso da montagem como acontece no Processo Colaborativo ou na Criação Coletiva, por exemplo. Martha Ribeiro explica em seu artigo “Dramaturgia contemporânea anos 90: Caminhos para um “Realismo Sedutor””: “[...] uma dramaturgia de gabinete, produzida na solidão autoral e isolada de todo o processo cênico e de sua produção material.” (s/d, p.1)

quanto à minha capacidade de realizá-las. Dessa forma adiei por quase três meses essa incumbência atrasando assim ainda mais a produção do meu TCC.

Durante as férias escolares decidi reler um dos meus livros preferidos e que inclusive foi um dos objetos que mostrei aos outros companheiros de trabalho durante a primeira fase do processo. Ele é um alento para mim e sempre foi pontual em vários momentos importantes da minha vida: A insustentável leveza do ser<sup>8</sup>, de Milan Kundera.

Para minha surpresa esse livro foi esclarecedor quanto ao tipo de dramaturgia que eu queria escrever, não por sua temática, a qual difere totalmente da temática do Cartas Pra Ninguém, e sim pelos conceitos e reflexões que trazia nas entrelinhas de suas histórias.

Voltei das férias com o ânimo renovado e comecei a escrita do texto. Seguindo uma das minhas mais peculiares características, a escrita foi desordenada e caótica. Não respeitava uma sequência, sendo que muitas cenas foram escritas fora da ordem. Percebi durante o feitiço da dramaturgia que tinha sido muito feliz na colocação de que tudo no processo era material para o texto. Dessa forma as falhas, inseguranças e atropelos durante a primeira parte seriam a base da história e a nossa dinâmica na sala de ensaio, alegoria para as questões que eu gostaria de abordar. Não é à toa que a história central da peça é o esforço dos atores em construir um espetáculo teatral.

Percebi que de fato não era a construção colaborativa que tinha almejado e descrito no meu projeto. Mas a parceria se apresentaria de uma forma muito mais significativa e íntima, a qual chamei de Troca de Afetos. Palavra Afeto<sup>9</sup> na sua acepção de amor, afeição, amizade, carinho e também no sentido daquilo que nos afeta, nos atravessa, atinge, golpeia, e até fere.

---

<sup>8</sup> A Insustentável Leveza do Ser é um livro publicado em 1984 por Milan Kundera. O romance se passa, em sua maior parte, na cidade de Praga, antiga Tchecoslováquia e atual República Tcheca. Ele narra durante algumas décadas a história de quatro personagens que lidam com questões pessoais, permeada pela invasão russa ao país e o clima de tensão política instaurado desde então.

<sup>9</sup> Em uma busca rápida pelo significado das palavras afeto e afetar podemos encontrar resultados como “Provocar determinado sentimento”, “exercer influência”, “Depender de algo ou alguma coisa”, “atingido por algo”.

Todo o tempo de ensaio e mesmo o tempo antes nos conferiu uma intimidade. Partilhávamos a mesma situação. Tínhamos estreitado nossas relações e estávamos circunscritos no mesmo espaço biográfico. Fazíamos parte um da história do outro, por isso não foi difícil escrever essa história.



(Figura 4: Registro do ensaio. Foto de Luis Firmato)



(Figura 5: Registro do ensaio. Foto de Junio de Carvalho)

Pensando na forma como o Transtorno de Personalidade *Borderline* (TPB) se manifesta, essa relação era a ideal para discorrer sobre o assunto. A pessoa TPB muitas vezes não consegue se diferenciar do outro. Assim a escrita foi feita na intenção de manter as características de cada ator/personagem ao mesmo tempo em que as mesclava para a formação de outra pessoa diferente, mas reconhecível por todos nós. Rompeu-se a linha que delimitava a individualidade de cada um. E a esperança era que essa delimitação fosse rompida com o público e que ele também se sentisse atingido e contemplado com o espetáculo.

Tentei emular o comportamento de cada um durante a escrita: como reagiriam a um certo acontecimento, como sua personalidade dialoga com sua forma de trabalhar. Em um momento, pedi à atriz Gabriela Lucenti que escrevesse algumas linhas sobre o que ela sentia a respeito da condição em que nós mulheres vivemos por saber que tratar disso era um desejo da atriz. “Um texto sem grandes pretensões”, disse a ela. Segue abaixo o trecho escrito pela atriz:

Aqui, onde as verdades ocupam todos os espaços, não há lugar para o ideal. Aqui onde as imagens são chutadas, criadas e recriadas no seu próprio tempo, por mãos invisíveis. Essas mãos tapam meus olhos, deformam minha imagem. Tapam minha boca, meu corpo, meus ouvidos. Não ouço os gritos e pedidos de ajuda. Ninguém ouviu meus gritos e pedidos de ajuda. Ninguém ouviu. Em pouco tempo, a nuvem do esquecimento cobre as cabeças e desaparecemos... Desaparecemos todas. Mas o lago das interrompidas está se enchendo e, em breve, transbordará. E transbordará raiva, e amor, e revolta. E sangue, e pelos, e sorrisos e abraços. Perceba! Tudo faz parte de um mesmo rio que flui para a aspereza das marés e retorna salgado, para a tranquilidade do lago. Porém, este texto não é otimista. A esperança está morta há muito, e muitas já morreram depois dela. O lago tranquilo também afoga. (LUCENTI, 2018)

Esse texto acabou entrando quase na íntegra e com poucas alterações feitas por mim para a dramaturgia, assim como um pequeno texto que ela escreveu na primeira fase sobre problemas que estava tendo com alguns amigos.



(Figura 6: Registro do ensaio. Foto de Lucimelia Romão)

Coloquei-me num estado de porosidade para que aquela afetação fosse alimento para a produção da dramaturgia, o que se mostrou muito positivo em qualidade de escrita, mas que, por outro lado, agravou muito a minha saúde emocional e psicológica.

Sendo uma pessoa com TPB, sou naturalmente sensível e de temperamento muito vulnerável. No período em que escrevia o texto sofri com um grande estresse por tentar terminar essa tarefa, por mais prazerosa que estivesse se mostrando. Além disso, tensões no cenário político e econômico do Brasil, que davam uma sensação de medo generalizada e questões pessoais mal resolvidas, que cada vez me assombravam mais, me desestabilizaram. Isso tudo culminou num episódio de surto psicótico e no desenvolvimento de transtorno do pânico. Três dias após “terminar o texto”, (coloco entre aspas, pois o momento de montagem também contribuiu para a dramaturgia), tive que ser levada às pressas para a casa da minha mãe, onde fiquei recolhida três meses em tratamento psiquiátrico, recebendo medicação na tentativa de estabilizar o quadro, tendo inclusive que tirar uma licença médica e terminar o semestre letivo à distância, aproveitando a generosidade dos professores. Era literalmente a materialização de várias cenas da peça.

Mais uma vez, estava adiada a montagem do espetáculo.

Ainda de licença médica, tentei, juntamente com o diretor do espetáculo, Elielson Rodrigues, articular algumas atividades relacionadas ao texto com os atores, mas nada muito decisivo para o processo de montagem.

Passada a fase mais complicada e liberada pela minha psiquiatra, em parte contra sua vontade, mas cedendo ao meu apelo, pude voltar a São João del-Rei e para as minhas atividades na universidade. Mas ainda sob supervisão médica e controlada por remédios.

Retomamos o trabalho de construção da peça em agosto, quase um ano depois do início dos primeiros ensaios. Aparecia aí mais uma dificuldade técnica já que boa parte da equipe, Elielson Rodrigues, diretor, Luís Firmato, codiretor e responsável pela parte plástica e Igor Oliveira, responsável pela comunicação visual do espetáculo não residiam na mesma cidade que o



restante do grupo. Nesse ponto a relação virtual, vídeos e fotos foram de grande valia, já que tivemos poucos encontros presenciais.

O cronograma de entrega das cenas montadas foi apertado e muitas vezes atribulado. Mas em contrapartida, a atmosfera era a melhor possível nos ensaios e nas relações do grupo.

Algumas adições foram feitas na dramaturgia a partir de acontecimentos, improvisos e sugestões de todos da equipe no momento da montagem. Alguns cortes também foram feitos da mesma forma.

Senti-me acolhida no meu projeto e vejo o carinho que foi a execução dele por cada parte. Foi um esforço quase matemático a união de cada elemento, mas como em um quebra-cabeça, cada parte estava pronta e preparada para se juntar e formar aquela imagem – o espetáculo que chamamos de Cartas pra Ninguém.

## **CONCLUSÃO:**

É inegável que o processo de escrita da dramaturgia da peça Cartas pra Ninguém foi no mínimo atribulado, mas bastante prazeroso.

O desenvolvimento desse texto era ao mesmo tempo, um desejo pessoal e uma atividade acadêmica, premissa para a conclusão da minha graduação em Teatro. Nesse sentido me sinto contente com o trabalho e com o seu resultado por perceber na sua constituição a presença de muitos conteúdos aprendidos, investigados e abordados por mim durante a realização do curso. Tecnicamente, a pesquisa foi importante para embasar teoricamente esse espetáculo e a equipe envolvida, além de ampliar meus horizontes de criação. Reconheço na pesquisa desenvolvida na universidade uma extrema importância para minha formação profissional, pois me colocou em contato com assuntos e metodologias de trabalho que expandem meu *know-how artístico*.

<b>Correios</b>		<b>AR</b> AVISO DE RECEBIMENTO	UNIDADE DE DESTAQUE	MP
REMETENTE: Nome ou Razão Social do Remetente		JT 89079503 4 BR		
Endereço para Entrega		CARTÃO UNIDADE DE ENTREGA		
Av. Santa de Castro 1889 A		03 MAI 2019		
Cidade		BRASÍLIA		
CEP		70210-911		
DESTINATÁRIO: Nome ou Razão Social do Destinatário do Objeto		MOTIVOS DA DEVOLUÇÃO		
Endereço		<input type="checkbox"/> Não se aplica <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente <input type="checkbox"/> Não Existe o Número <input type="checkbox"/> Não Encontrado <input type="checkbox"/> Outros		
Cidade		<input type="checkbox"/> Recusado <input type="checkbox"/> Não Procurado <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Falecido		
CEP		<input type="checkbox"/> Não Encontrado <input type="checkbox"/> Falecido		
Assinatura do Receptor		SUBSCRITA E MATRICIADA DO CARTÃO <b>Lutz Rozzante</b> OTT-III Matr.: 8.954.035.2		
Nome Legível do Receptor		DATA DE ENTREGA 03/05/19 Nº DOCUMENTO DE IDENTIDADE		

(Figura 7: Comprovante de recebimento da dramaturgia da peça pelo escritório de direitos autorais.)

Pensando no argumento da peça, considero a corrente estética do Teatro pós-dramático e o gênero autobiográfico e, por consequência o espaço biográfico, ideais para o seu desenvolvimento. Enxergo, portanto, uma harmonia entre forma e conteúdo nesse processo. A maneira como tentei diluir as fronteiras entre o real e o teatral, o individual e plural em cada linha do texto, colocando os personagens como versões ficcionais de si próprios, lidando com questões particulares, mas que podem atingir e/ou serem vividos por todos que assistem. Destaco aqui também a forma como a peça tenta incluir a plateia como parte do espetáculo com interações e conversas diretas com o público, mostrando que ele é componente daquela história e que ela não seria possível de ser contada sem a existência dele.



(Figura 8: Cena do espetáculo Cartas pra Ninguém. Foto de Rafael Nascimento.)

Gostaria de exemplificar esse ponto de vista analisando uma cena presente no espetáculo:

A cena aqui abordada é a cena 3 (ver dramaturgia em anexo). Ela começa tratando da escolha do figurino e termina por tratar da insatisfação da atriz com o seu corpo e a sensação de não pertencimento ao mundo que ele lhe traz.

Podemos observar no texto uma dinâmica que intercala os momentos de realidade e ficção a fim de provocar certa confusão no público e, por consequência, um questionamento do que é real e do que é teatro. Vemos também uma forma de testemunho da atriz sobre sua fisicalidade, especificamente seu corpo gordo, mas que pode ser entendido por qualquer pessoa que já se sentiu desconfortável consigo mesma e/ou já se sentiu discriminada por alguma característica que possua. Por fim, observamos como o texto é utilizado como alegorias para histórias pessoais discordantes do padrão encontrado hoje em nossa sociedade, além de brincar com a própria estrutura da dramaturgia e com a forma como foi escrita.

Por fim, deixo aqui manifestado o desejo de expandir meu estudo a respeito de dramaturgia e do gênero autobiográfico. Um desejo que transcende a afinidade com o tema e com o ato da escrita. Eu percebo nessa linguagem uma forma de democratização das narrativas. Pensando no contexto histórico, vemos geralmente que os assuntos orbitam ao redor de pessoas pertencentes à esfera de poder, ao padrão estético, sexual, de certa condição econômica e social e de certas etnias. É necessário escutar as vozes das pessoas marginalizadas pelo processo histórico. É de suma importância conhecer essas narrativas subalternizadas, subestimadas e muitas vezes esquecidas. Eu creio que a aposta em dramaturgias ligadas à autobiografia e ao espaço biográfico é um caminho para atingirmos essa democratização.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LUCENTI, Gabriela. **Texto manuscrito sem título**. Abr. 2018.

FINKLER, Débora Cassiane; SCHÄFER, Julia Luiza; WESNER, Ana Cristina. Transtorno de personalidade borderline: Estudos brasileiros e considerações sobre a DBT. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, 2017, Volume XIX, nº 3, 274-292.

RIBEIRO, Martha. **Dramaturgia contemporânea anos 90**: caminhos para um “realismo-sedutor”. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (s/d)

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. **Autobiografia**. (s.d.) Disponível em <https://www.infoescola.com/generos-literarios/autobiografia/> . Acesso em 06 jun. 2019.

ARAUJO, Antônio. **A gênese da vertigem**: o processo de criação de O paraíso perdido. Perspectiva:Fapesp. São Paulo, 2011.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-dramático**. Tradução de Pedro Süsselkind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MONTAIGNE, Michel. **Essais**, livre III. Flammarion, Paris, 1979.

ANEXO

# Cartas pra ninguém

Espetáculo

**Dramaturgia: Camelia Amada Guedez**

**Colaboração: Gabriela Lucenti e Rafael Pinheiro**

## **"CARTAS PRA NINGUÉM"**

**Espetáculo: "Cartas pra ninguém"**

**Concepção e dramaturgia: Camelia Amada**

**Colaboração: Gabriela Lucenti e Rafael Pinheiro**

**Direção: Elielson Rodrigues**

**Codireção: Luís Firmato**

**Atuação: Camelia Amada, Gabriela Lucenti e Rafael Pinheiro.**

**Concepção Cenográfica e Desenho de Luz: Luís Firmato**

**Operação de luz: Júnio de Carvalho**

**Montagem de Luz: Pedro Inácio**

**Sonoplastia: Camelia Amada**

**Operação de som: Lucimélia Romão**

**Mixagem: Alex Fleming**

**DJ Mahagonny (Participação especial): Matheus Correa**

**Figurino: Pi Videira**

**Confecção de figurino: Cleusair Maria Vianini**

**Comunicação visual e design gráfico: Igor Oliveira**

**Ilustrações: Igor Oliveira e Luis Henrique Rodrigues Lara**

**Assistência de Produção: Breno Mendes e Thamires Silveira.**

**Participação afetiva: Sebastian Junior**

**Patrocínio: Dayse Guedez**

**Realização e Produção: Confraria Teatro Pau Dramático**

**Sinopse:**

**“Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? “Milan Kundera.**

**A criação cênica como pano de fundo para as angústias de quem está permanentemente em cartaz no espetáculo da realidade dos nossos dias. Três atores envolvidos no árduo processo de montagem de suas próprias histórias, construídas cena por cena. Dessa peça, não se conhece o próximo encaixe. Nem a imagem que irá se formar.**

**Esta peça foi encenada pela primeira vez em Dezembro de 2018 como trabalho de conclusão de curso em Teatro na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), para a obtenção do título de Bacharel em Teatro.**

**PERSONAGENS:**

**Camelia**

**Gabi**

**Rafa**



**Prólogo:**

**Inicia-se a peça com as pessoas entrando no espaço: Um quadrado desenhado no chão. Uma mala num canto, no outro uma bicicleta com tomates na cesta e uma pilha desordenada de cadeiras no centro do espaço. É tipo uma festa com música. Todos estão com copos de bebida. Os atores vão servindo as bebidas enquanto conversam com o público. Contam sobre qual foi a maior dificuldade em fazer a peça, e mostram algumas cenas e textos excluídos do processo. Tempo. Camelia se aproxima da pilha de cadeiras:**

**Camelia:** Vocês podem me ouvir?

Alguém pode me ouvir? É que eu preciso falar...

Vocês podem me ouvir nessa altura? Pera aí! **(Sobe na cadeira)**

Da pra me ouvir nessa altura?

Vocês podem me ouvir? Nessa altura vocês podem me ouvir? Alguém? Oi.

Desculpa mas eu preciso falar. Eu tô um pouco alta, sabe? Meu cabelo...

Nessa altura?

Eu tô um pouco alta, mas não se preocupem.

É tudo teatro. Tudo.

É que eu preciso falar um pouco. Eu tô levemente bêbada.

Talvez nem precise. Só acho...

Tô um pouco confusa. Da pra me ouvir?

**Enquanto Camelia fala ouve-se uma voz fora da cena testando a luz. A voz em off começa a dirigir a luz e a posição da plateia enquanto os atores organizam as cadeiras e o público. Camelia ainda se encontra nas cadeiras. Som aleatórios de vizinhança podem ser ouvidos.**

**Camelia:** Será que alguém pode me ouvir?

Não preciso que ninguém tenha pena de mim, porra!

Desculpa. **(Pausa)** Não se preocupem.

Drama.

Já vou começar. Tá difícil.

Vou fazer assim: Vou fingir que tô começando. Aliás, finge que já comecei. Assim.

Isso! Falei coisas lindas. Monólogo inspirador.

Devia ter trabalhado melhor nisso...

Mas passa. Eu falei que isso passa... E com 30 a possibilidade de suicídio diminui em 67%. Não devia parar de tomar remédio!

Agora... Aqui... Uma fala linda de como eu te amo, mas, eu só sei dizer que eu adoro tomate. Adoro tudo com tomate. E aí você, rindo de mim porque eu adoro tudo com tomate...

É... Você vai ficar mais madura e perceber que era tudo drama.

Não sei se da pra continuar.

Presença de monólogos que revelam a psique do personagem. O que você está pensando agora?

Strawberry?

Tá dando pra escutar?

Endereçamento. Saiba com quem esta falando.

Não consegue se separar do outro. É como se a capa emocional não fosse feita.

Direcione sua voz. Ela vai alcançar até a última fileira. "Para ter algum valor real nada pode deixar de ser lógico"

Ser feliz quando a felicidade acontece.

Não vou atender. Num quero. Não dá.

Strawberry... Deita aqui. **(Oferece o abraço com gesto)**

Eu tô triste, mas é drama. No que você está pensando?

Para de me soprar...

Desculpa atrapalhar a festa. Eu já tô indo embora. Eu não preciso que ninguém me leve. Eu prefiro ir sozinha. Daí eu penso.

Você vai embora agora? Ahhh... Não... Tá cedo. Vai, eu custo a sair...

Caiu mais um pedaço. Quase na minha cabeça.

Pera aí pera aí, escuta essa música. Ela boa.

O que que ela tá falando?

Só preciso ficar aqui um pouco. Pode ir, já vou lá.

Para, pelo amor de Deus, para...

Eu tô com vergonha. Não conheço ninguém aqui. Eu acho que tô ficando muiiiito bêbada. Se eu estiver dando vexame me fala?!

Não consigo saber porque tá longe mas eu tô com medo.

Tá tudo caindo na minha cabeça. Eu num sei se consigo fazer isso.

Mas já? Nãooooo.... Acabei de chegar. Só mais um pouco e eu vou com você.

Eu vou ficar.

Tanta cena pronta aqui dentro que não consigo escrever.

Não preocupa que eu posso ir sozinha. Não precisa. Você não percebe como as coisas realmente são. Esse é o seu problema.

Você tá histérica à toa.

Para! Eu quero ir embora. Eu quero a minha mãe.

Se eu pudesse parar de sentir só um pouco...

Tá tudo bem. Eu tô fazendo drama. É tudo teatro.

**Nesse momento a organização da plateia termina e todos estão sentados em seus lugares. Plateia dividida em três e cada ator virado para uma parte da plateia.**

## **Cena 1**

**Os outros dois atores sobem também em cadeiras. Falas simultâneas ou intercaladas: Camélia canta a música Jasper (Caetano Veloso). Gabi dá o texto. Rafa bate as mãos contra o peito, no início com se estivesse fazendo o ritmo da música e vai aumentando a velocidade e a força. Ele começa a falar coisas desconexas como “não quero mais, não da mais. Não quero ouvir...”**

**Gabi:** Minha vida hoje se resume

a um controle sistemático de emoções.

Num afastamento diário das paixões.

Quisera eu poder escolher o que sentir

Ter poder de decisão sobre minha vontade  
Pra editar o que se passa aqui dentro  
Ter frieza de análise  
Poder ter calma  
Pra saber que às vezes é só birra  
Quando dói na alma  
E aí sem medo me entregar à melancolia  
Como quem se entrega àqueles beijos de uma noite só.  
Não temos mais compromisso algum no outro dia  
Até nos vermos novamente  
E nos olharmos com cumplicidade  
Que parte de toda tristeza que nos envolveu.  
Quisera eu poder escolher como sentir  
Cada coisa que passa por mim  
Pra não ficar tudo tão escuro  
A ponto de me perder  
Por favor, Não me exija envolvimento.  
Pra mim empatia é um vício, amar é um habito perigoso.  
E Sentir tanto e tudo  
um mal crônico.  
As vezes sinto que pouco digo sobre o que se passa  
Porque o que conto de vontade não é relevante.  
Se conhece de mim pelas palavras aleatórias  
Cada vez mais soltas e leves  
A cada encontro  
E assim se faz, na esperança de que  
Mesmo que sem querer



**Camelia:** Tá errado. Eu esqueci o resto. Saco. Depois do Rafa com “a voz” tem outra coisa. **(Pausa)** Merda! **(Para a plateia)** Desculpa gente, sério. Merda! No meio do trem eu esqueço a fala. **(Para Gabi e Rafa)** Dá pra voltar de novo? **(Para a plateia)** Dá pra vocês voltarem para aquela expressão? **(Pra alguém específico da plateia)** Não, você não estava assim não. Eu juro! E a última vez, agora vai. Não, é serio! Aquela hora que o que você tinha pra falar num vem. Aiiii.

**Rafa:** Aí vem a hora, e às vezes você tem 10 segundos de cena pra ser tudo aquilo que você queria falar.**(pausa)** A hora passa, e você não foi palavra alguma sua. **(Na mesma onda)** Stephen Hawking morreu, e eu nem sei escrever o nome dele.

**Camelia:** Não gosto quando gente importante morre.

**Gabi:** Nunca gente assim morre, é sempre o primo, o vizinho.

**Rafa:** Talvez se tiver algo pra saber do lado de lá ele volta pra contar.

**Camelia:** Não quero pensar nisso.

**Cai mais um pedaço do teto/ Corte.**

## **Cena 2**

**Camelia:** Narradora de tantas histórias de amor que não são minhas. Coadjuvante nas cenas que eu às vezes escrevi, mas que não fui convidada a atuar. Passam por mim e eu sou apenas espectadora, sem ação. Algumas me emocionam de fato. Outras só me fazem chorar.

**Camelia é atingida por um tomate**

**Camelia(Com raiva e surpresa):** Ouuuuu!

**Camelia se retira da cena e repete o texto dos atores, muda, como se os dirigissem.**

**Rafa:** Olhava cada coisa como se a mesma coisa fosse. Presa dentro si vivendo o mesmo compasso em pausa.

**Gabi:** Estou observando as felicidades. Vendo onde elas residem. Anotando o endereço e pensando em me corresponder.

**Rafa:** Achava engraçado como a espera dilatava o tempo.

**Gabi:** Quando todos dizem

Que todo tempo que se passa só

é tempo de se preparar para estar junto

penso que então

o amor não me faz sentido

**Rafa:** Qualquer coisa que fosse cotidiana e que desse noção de tempo incomodava. Dois dias era mais que um inverno inteiro.

**Gabi:** Quando eu chegar te ligo de longe.

**Rafa:** Antes da ida propriamente dita já desejava não estar lá mais porque aquela espera pra dizer adeus a matava tanto quanto a iminente falta que ele faria. Ele já se adiantara há quase um mês. Ansioso, se fazia cada vez menos presente.

**Gabi:** Já passamos por isso antes.

**Rafa:** Só que nunca pela ultima vez.

**Gabi (Para o público):** Éramos o asilo um do outro.

**Rafa:** Que seja então liberdade aquele estar só e acompanhado de si mesmo

**Gabi(Para Camelia):** Então flor... Tá chato. Porque aí fica só o texto.

**Rafa:** Até onde que tem que ir esse texto?

**Camelia:** Até eu conseguir escrever tudo que tá aqui dentro. Depois eu jogo fora o que não funciona.

**Gabi:** Podia ter alguma ação mais significativa aqui. Acho que tá meio parado.

**Camelia:** Vamos esperar a Paloma chegar pra ver se ela dá alguma ideia. Só que eu tenho medo de ficar caricato. Além do mais, fala que ela tá meio que parada.

**Gabi:** Não necessariamente...

**Camelia (Repetindo o texto):** Olhava cada coisa como se a mesma coisa fosse. Presa dentro de si vivendo o mesmo compasso em pausa.

**Rafa:** Pode ser outra coisa...

**Gabi:** Porque num da pra só não fazer nada. Eu acho que tem que ter mais ação, atitudes. Mesmo que a fala seja parada a gente pode sempre fazer alguma coisa pra mudar o sentido, sabe? Algo que modifique o estado das coisas e dê até mais beleza para cena. **(Pausa. Gabi vê Camelia consternada)** Tá, ok, a gente espera pra ver o que faz. Como que termina a cena?

**Camelia:** Não sei... Eu não sei terminar.

## **Cai um pedaço do teto/**

**Corte.**

### **Cena 3**

**Rafa:** Tá! Talvez quando tivermos o texto todo, a gente tenha mais noção do que usar.

**Gabi:** Sim, mas eu tava pensando que cada cena tem uma especificidade de figurino. Tipo tem que ter o de festa o de viagem, o de...

**Camelia:** Por mim era tudo roxo **(Ri)**. Tem a Paloma, gente! Ela disse que tem umas ideias quanto ao figurino, paleta de cor. Ela deve trazer uns croquis quando chegar. Amarrações, sobreposições...

**Rafa:** Eu num consigo pensar em roupas pras cenas. A gente podia fazer tudo pelado mesmo.

**Camelia:** O olho da Gabi brilhando já...

**Gabi:** Ah não! Toda vez eu que fico pelada.

**Camelia:** Seu peito é bonito sô!

**Rafa:** É um ótimo apelo sexual pra peça. Pensa só...

**Camelia:** Vai ajudar na identificação.

**Rafa:** É, todo mundo fica pelado, né? É uma coisa que perpassa a biografia de todo mundo. **( Apontando pessoas da plateia)** Já ficou pelado, já ficou pelado, Já ficou pelad... Você fica sempre que eu sei!

**Gabi:** Sei...

**Camelia:** Qualquer coisa que não me deixe mais gorda. Já me basta esse quadril...

**Gabi:** Gente! É serio! Tem que já ir pensando porque...

**Camelia:** Isso é serio pra mim. Não gosto do meu quadril largo. Aí, falei quadril e já tá todo mundo olhando pra ele...

**Gabi:** Dependendo da luz a gente tem que pensar nas cores que...

**Camelia:** Pera aí gente. Vamos parar. Tá ruim.

**Rafa:** Que foi?

**Camelia:** Mais uma vez eu não sei como escrever a cena.



**Rafa:** Mas o que você tava pensando?

**Camelia:** Fica piegas e parecendo aqueles discursos de um empoderamento barato. Acho melhor tirar essa cena.

**Gabi:** Mas você não acha que poderíamos falar disso?

**Camelia:** Sim, eu acho, só num sei como, mais uma vez.

**Gabi:** Pensa em como você gostaria de falar do assunto e pronto.

**Camelia:** Não é tão fácil. Eu queria falar do saco que é ter um corpo deslegitimado, considerado errado, doente, incapaz. Queria falar do saco que é ter que lidar com qualquer pessoa que se acha no direito de invocar um discurso medico furado só porque eu sou maior, diferente. É foda quando seu corpo por si só é uma questão politica, de enfrentamento. Queria dizer que é um saco enfrentar os olhos de reprovação das pessoas que acham que eu não pertença aquele lugar só porque eu sou assim e de como é um saco ouvir “mas seu rosto é tão bonito...” Vamos tirar essa cena porque eu não sei como dizer o saco que é ser esse corpo. Até porque esse corpo não é de interesse pra ninguém.

**Rafa:** Um corpo é mais que só um corpo. É uma historia. É um registro. De tudo que se passou, do que se passa.

**Camelia:** Tenho a sensação de que todo mundo queria contar essa historia diferente. É... Uma historia que não interessa a ninguém.

**Rafa:** Nem todas as historias são entendidas de primeira. Mas ainda sim fazem parte. Imagina isso como uma cena, que parece deslocada e fora de contexto mas que acaba tendo sua própria beleza e trazendo mais significado pro espetáculo.

**Camelia:** Como eu disse. Não gosto dessa cena. Vamos tirar.

**Cai mais um pedaço do teto./ Corte.**

**Cena 4:**

**Rafa:** Tô aqui pensando e eu acho que às vezes tem muita informação, muito texto, é coisa caindo...

**Gabi:** Boto fé Rafa.

**Camelia:** Mas é uma escolha, sabe? É um artifício para expressar o caos e tal...

**Rafa:** Mas o caos pode se apresentar de outras formas. Além do que só se faz música com pausas. Acho que fica mais significativo o caos do excesso de

informação quando intercalado com o silêncio. A falta de silêncio faz com que a gente identifique o excesso de ruído como o próprio silêncio e se acomode. Ninguém se escuta, mas acha tranquilo porque entendeu que tanta gritaria é normal. É no vazio de som que rola o entendimento. Entendimento e não papinha de informação goela a baixo. Fico pensando que silêncio é a única cura pra essa surdez generalizada quanto ao outro...

**Camelia e Gabi batem palma para o discurso de Rafa.**

**Camelia (Interrompendo):** Porra! Foda isso, hein? Podia entrar no texto. Você consegue repetir pra eu anotar?

**Gabi:** O Rafa quase não fala, mas quando fala...

**Rafa (tentando retomar):** Silêncio...

**Gabi:** Outra coisa flor, esses cortes. Como você vai explicar isso?

**Camelia:** Da mesma forma como eu sempre expliquei. “Ahhh eu cai com copo de vidro e me cortei” “Ahhh, minha gata me arranhou...” “Tinha um prego solto no meu armário...” “Ahhh sou muito estabanada...” “Bem que minha mãe num me deixava usar faca...” “Me queimei no cigarro sem querer...” “Ralei no chapisco...” . Eu posso sempre esconder também com blusa de frio, nem uso muito shorts...

**Gabi:** Tô falando do corte entre as cenas.

**Camelia (Constrangida):** Humm, tá. Bem, é que ...

**Gabi (Interrompendo):** Pera aí, alguém acredita nessas desculpas?

**Camelia:** Está todo mundo muito ocupado inventando suas próprias mentiras pra ter tempo de duvidar das minhas. **(Pausa)** Mas eu estou mesmo preocupada é com a transição pro final dessa cena. Eu escrevi algumas coisas, mas não estou gostando porque não estou sabendo como fazer o link entre as duas coisas. Tipo, fica um assunto, daí do nada outro assunto. Mas ao mesmo tempo eu quero que pareça uma conversa banal.

**Rafa:** Todas são.

**Camelia:** Sim, mas as banalidades podem ser belas, e também muito profundas.

**Gabi:** A questão é que a gente segue a vida de forma satisfatoriamente banal e medíocre, amena muitas vezes, até que algo absurdo te atravessa.

**Gabi corre com a bicicleta cheia de tomates e a vira de ponta cabeça.**

**Camelia:** Marielle Franco foi executada hoje e eu nem a conhecia...

**Rafa:** Estranho... A morte nunca é prêt-à- porter. Foi sim, mais uma execução, como tantas outras. Milhares que tem acontecido e a gente muitas vezes nem se da conta. Estatísticas invisíveis. Números que quantificam uma realidade da qual a gente não se da conta muitas vezes. Mas a morte nunca é prêt-à- porter. Morte miseravelmente coerente com o que ela lutava tanto pra denunciar. Coerente e infinitamente injusta.

**Camelia:** Morrem tantas mulheres em mim todo dia, mas isso nunca te prepara para o enredo da vida. A vida é uma apresentação sem ensaio e a gente sabe que o jogo do improviso pode ser cruel pra quem não tem repertório. Eu num tenho repertorio pra essa morte. Principalmente porque ela carrega em si tantas outras, de outras mulheres, várias, de outros homens também, vários. Olha, eu fiquei bem sem ação. Fiquei lerda.

**Gabi:** Flor, não dá mais para ficar assim...

Aqui, onde as verdades ocupam todos os espaços, não há lugar para o ideal.

Aqui, onde as imagens são chutadas, criadas e recriadas no seu próprio tempo, por mãos invisíveis.

Essas mãos tapam meus olhos, deformam minha imagem. Tapam minha boca, meu corpo, meus ouvidos. Não ouço os gritos e pedidos de ajuda.

Ninguém ouve meus gritos e pedidos de ajuda. Ninguém ouve.

Em pouco tempo, a nuvem do esquecimento cobrem as cabeças e desaparecemos...

Desaparecemos todas.

Mas o lago das interrompidas está se enchendo e, em breve, transbordará. E transbordará raiva, e amor, e revolta. E sangue, e pelos, e sorrisos e abraços.

Perceba. Tudo faz parte de um mesmo rio que flui para a aspereza das marés e retorna, salgado, para a tranquilidade do lago.

E também não dá pra ficar otimista. A esperança está morta há muito, e muitas já morreram depois dela. O lago tranquilo também afoga.

**Camelia:** Desculpa gente, eu acho que não consigo falar mais nisso.

**Cai mais um pedaço do teto/ Corte.**

## **Cena 5**

**Camelia:** Vivencia textual

Meu corpo panfleto, manifesto.

Olhar de rubrica dizendo exatamente quem sou

Haicais de cicatrizes.

Meu coração tantas vezes embolado e jogado fora por ser poema vulgar.

Manual de instrução que não consegue dar sentido a todas as peças.

Bula que relata todos os efeitos colaterais.

Lá no fundo a data de validade.

Favor consumir antes que se canse.

Eu sendo “literalmente” romântica.

**Camelia é atingida por mais tomates.**

**Camelia:** Palhaçada isso, hein?

**Camelia sai de cena e senta em uma cadeira na plateia. Dirige a cena de fora.**

**Gabi:** Sabe... O amor é... O amor é vazio... Vazio como um pote de botar coisa dentro. Se enche o amor com o que quiser. E a gente se enche até com amor vazio.

**Rafa:** Vazia... E de saco cheio de ser vazia... Ansiosa, à procura daquilo que, geralmente, despreziosamente se encontra. Que na simplicidade te busca.

**Gabi:** Propaganda em jornal barato, de folha vulgar anunciando que meus olhos estão prontos e meu todo também.

Diga aos quatro ventos, ou às quatro conduções que você tenha que pegar, sei lá, que aqui há vaga!

Estabelecimento modesto, mas com forte chance de progressão na carreira. Transgressão da ordem e boa vontade em seguir junto. Dividimos as gorjetas e os sonhos que essa vida dá. Não há muito o que oferecer além disso, ate porque certezas... Certezas... Ninguém oferece mais...

**Rafa:** Mas pra que falarmos de nós quando essa gente tá ai, tão desamarrada... Solta?

**Camelia (De fora da cena):** Nós? Eu tava falando da gente!

**Rafa:** Falava do beijo.

**Gabi:** Lembra do primeiro?

**Rafa:** No começo havia o olhar, aquele que freneticamente oscila entre o encarar e o desviar, ate que se entende e se aceita a direção do desejo. O corpo vibra, talvez na mesma frequência de oscilação do olhar ate que ocorre uma micro pausa. Um milésimo de segundo que precede o beijo, dividido pelo eterno momento de constrangimento e a infinita duvida. Naquele momento ainda podíamos ter desistido.

**Gabi:** Mas não o fizemos.

**Rafa:** O inclinar das cabeças, que ainda sem um estudo prévio das respectivas topografias de cada crânio, se esbarram. O nariz é o pioneiro, que desbrava a cinesfera do outro e que se encanta com o aroma.

**Gabi:** Achei sua boca tão linda!

**Rafa:** Achei sua boca!

**Gabi:** Achei que íamos longe. Achei que tínhamos mais.

**Rafa:** Fomos tudo o que tínhamos pra ser. Não há porque ser mais do que se é.

**Camelia:** Isso tá errado, volta!

**Gabi:** Achei que íamos longe. Achei que tínhamos mais.

**Rafa:** Fomos tudo o que tínhamos de ser. Não há porque ser mais do que se é.

**Camelia:** Volta! Errou de novo.

**Rafa:** Errado onde, gente?

**Camelia:** Sua fala. Não é isso que você deveria falar.

**Rafa:** Como não, se é isso que tá escrito aqui? Olha! **(Mostra o texto)**

**Camelia:** Mas tá errado! Não é isso que você tem que falar. Não era pra você dizer isso.

**Gabi:** Flor, é isso que tá escrito. Foi você mesma que escreveu.

**Camelia:** Meu Deus! Será que só eu tô vendo que isso tá errado? Não era pra você dizer isso! Não era pra você ter feito isso. Você poderia ter sido muito mais. Você queria. Era tão bom quando estávamos sendo, lembra? Você não pode ter esquecido. Não acaba assim. As coisas não acabam simplesmente puff! Oi! Acabou. Nossa, desculpa, mas num tem mais nada! Tem sim. Tem que ter! Há de ter! Há de existir!

Há de existir amor pra nós

Além de hoje

Pra além desse hoje

Dessa chuva cuspida

Desse calor abafado

Desse azul embotado

**Enquanto Camelia fala é atingida por tomates.**

Há de existir amor pra nós

Pra além desse hoje

Dessa sua opinião

Desse desentendimento

Dessa tanta gente que eu nem comento

Há de existir amor pra nós

Pra além desse som alto

Pra quando eu caio no asfalto

Ou bato sem querer a cabeça no orelhão

Há de existir amor pra nós

Pra correr na rua

Pra “desculpa esse porre”

E Pra “ninguém corre assim senão por amor”.

Há de existir amor pra nós

Pra além de hoje

Pra amanhã de manhã

Pro café no edredom

Pra rir da mancha de batom que ficou sem querer

Há de existir amor pra nós

Pra além de hoje

Pro será ou não?

Pra quando você não vem  
Desculpa, mas me dá ate um trem só de pensar  
Há de existir amor pra nós  
Porque no dia que a gente casar  
Um buquê de giz de cera  
Uma roupa de nuvem  
Um bolo de flor  
Há de existir amor pra nós  
Pra além de hoje  
Pra além desse hoje  
Porque, além disso, sobra pouco  
Quase nada  
Nada que valha a pena escrever.

### **Pausa**

**Rafa:** É, mas não é isso que tá aqui escrito.

**Cai mais um pedaço do teto./ Corte.**

### **Cena 6 :**

**Pausa. A cena começa com um denso e desconfortável silencio. Os atores se olham sem ação e esperam.**

**Gabi:** E agora?

**Rafa:** A gente vai ficar esperando?

**Camelia acena positivamente com a cabeça.**

**Gabi:** Até ela chegar?

**Camelia acena com a cabeça com duvida.**

**Gabi:** Quando ela chega?

**Camelia:** Não deve demorar.

**Rafa:** E se ela não vier?

**Camelia:** Espero que venha.

**Rafa:** E se não vier?

**Camelia:** Ela tem que vir. Tá todo mundo esperando.

**Gabi:** Se não veio ate agora...

**Rafa:** Talvez ela não possa vir mais.

**Camelia:** Alguém tem credito pra ligar pra ela? Mandar mensagem?

**Gabi:** Posso ligar pelo whatsapp.

**Camelia:** Ela não usa mais.

**Rafa:** Tá meio tarde já.

**Gabi:** Se não veio ate agora...

**Camelia:** Vai vir, acredite!

**Rafa:** Acho que a gente devia fazer o resto até ela chegar.

**Camelia:** Que resto? Eu tô dependendo dela pra resolver quase tudo. Tô sem ideias agora pra ...pra..

**Gabi:** Deve ter alguma coisa que a gente possa ir terminando.

**Camelia:** Num sei...

**Rafa:** Tem que começar a pensar em como fazer se ela não vier.

**Cai um pedaço do teto.**

**Gabi:** Não da mais pra ficar esperando. Tá tudo atrasado. Tem prazo, sabe?

**Camelia:** Eu sei.

**Rafa:** Esperar no outro é uma merda!

**Camelia:** O que?

**Rafa:** Esperar o outro é uma merda!

**Camelia:** Você falou outra coisa.

**Rafa:** Não, disse isso mesmo.

**Camelia:** Não, você disse outra coisa bem diferente.



**Rafa:** Não, disse isso mesmo. Esperar o outro é uma merda.

**Camelia:** Você disse “esperar no outro”.

**Gabi:** É quase a mesma coisa...

**Camelia:** Num é não. Tem diferença. Você tá dizendo que eu tô jogando minhas responsabilidades nela.

**Rafa:** Eu...

**Camelia:** Acha que eu não tô trabalhando nisso o suficiente? Acha que eu tô adiando de proposito?

**Gabi:** Você tá exagerando...

**Camelia:** Será?

**Rafa:** Gente...

**Camelia:** Tá meio difícil já fazer o que eu tô fazendo. Se desse pra fazer sozinha eu faria mas agora num dá.

**Gabi:** Flor, acho que tá na hora de você entender que tem que fazer, e de qualquer jeito. Num dá mais pra ficar esperando ajuda, ou o melhor momento.

### **Cai um pedaço do teto**

**Rafa: (tentando apaziguar):** Tá, a gente pode fazer qualquer outra coisa enquanto espera.

**Camelia ( para Gabi):** Eu faria se desse , tá?.

**Gabi:** O que mais você tem deixado de fazer por isso? Vai ficar sempre esperando a Paloma pra resolver? Parece mais uma desculpa pra adiar porque o que você tem é medo.

**Camelia:** Meu deus, eu preciso que ela resolva o que é da parte dela. A gente já conversou sobre isso...

**Gabi(interrompendo):** O espetáculo já tá no meio. Olha! **(Aponta a plateia)** Tá todo mundo esperando pra saber pra onde ele vai. Como ele vai seguir. E você ainda tá achando que ela vem? Ninguém mais vai vir. É só a gente. E vamos ter que resolver o que tem pra ser resolvido só a gente, mesmo não sabendo como.

**Camelia:** Ela disse que viria.

**Gabi:** Eu não posso esperar isso pra resolver. Ninguém pode. Oh, é daqui que tem que vir. Aqui. Agora.

**Camelia:** Você tá me pressionando!?

**Gabi:** Vai resolver agora! Ou vai fazer o que? Tem um monte de coisa que precisa ser resolvida.

**Camelia:** Eu sei. Só que eu acho que num dá pra fazer isso agora...

**Gabi (Interrompendo):** E vai fazer o que? Largar tudo? Vai largar tudo de novo? Vai dormir? Num vai entender à porta, desligar o telefone? **(Enquanto isso o teto começa a chover sobre os atores)**

**Camelia:** Eu não quero falar sobre isso.

**Gabi:** Vai mudar de cidade?

**Camelia:** Eu não quero falar sobre isso.

**Gabi:** Você vai continuar fugindo no lugar de resolver as coisas. Porque é isso que você faz sempre. Mas eu não sei se te disseram isso já, mas o mundo não para pra esperar você dar conta.

**Camelia:** Eu sei, eu sei. Dá pra mudar de assunto agora?

**Gabi:** O espetáculo não vai parar no meio agora, só porque você não dá conta. Tem muito a ser feito, a ser resolvido...

**Rafa:** Marcações, figurino, a luz...

**Camelia:** Você acha que é fácil pra mim?

**Gabi:** Resolve! Sei lá, acorda e vai. Termina esse texto, termina esse curso, se forma. Fala o que você pensa. Esquece essa pessoa.

**Rafa:** Você não devia ter parado de tomar remédio.

**Gabi:** Aceita esse papel e que se dane os outros. Toca sua vida. Levanta dessa cama. Sua casa tá uma zona. Você não vai pra aula hoje? Tem 3 dias que você tá nesse quarto sem nem tomar banho.

**Camelia:** Eu não quero falar sobre isso.

**Rafa:** Seus amigos, todos formados.

**Gabi:** Eu não sei mais o que eu faço com você. Desse jeito você vai repetir o ano. Suas amigas tão aqui pra te visitar. Atende! É a quinta vez que ele tá ligando.

**Rafa:** Sim, estão trabalhando já.

**Camelia:** Eu não quero falar sobre isso.

**Gabi:** Já são duas da tarde e você tá dormindo a quase 6 dias. Precisa comer algo. Que marcas são essas no seu braço? Você tá bebendo a essa hora? Você tá bebendo até agora? Eu não sei mais o que eu faço com você.

**Camelia:** Eu não quero falar sobre isso.

**Rafa:** Quinto casamento pra ir só esse ano.

**Gabi:** Vai, levanta! Eu marquei uma consulta pra você. Tem que enfrentar esse medo. Sabe que esse pensamento é ridículo. Vai perder o dia da sua matrícula. Vai ter que trocar a caixa.

**Rafa:** Já sim, um casal. Dois e três anos.

**Camelia:** Por favor, eu não quero falar sobre isso!

**Gabi:** Você parece ate burra por acreditar nisso. Precisa passar na imobiliária. Você não vai à consulta hoje? Tá desperdiçando dinheiro. O prazo pra entrega é hoje. Tem que continuar a tomar mesmo te deixando grogue. Tem que ir ao banco e resolver isso. Você tomou todos de uma vez? Eu não sei mais o que eu faço com você... **(Aos poucos a fala de Gabi vai sendo substituída por sons urbanos, de vozes extremamente altos e caóticos)**

**Camelia (aos gritos):** Respeite o meu caos. Ele tem a lógica desses dias.

**Corte.**

**Cena 7:**

**Luz branca forte que cega a plateia. Musica frenética alta. Ao diminuir a luz e a música surgem as três figuras.**

**Três falas intercaladas ou sobrepostas. Rafa se aproxima de Camelia e serve um copo d'água derrubando agua nela. Ele volta e dá sua fala enquanto enrola Gabi no plástico filme. Camelia picota o papel, texto que escreveu e vai transformando cada pedaço em pequenas pílulas.**

**Gabi:** Sinto que estou perdendo meus amigos.

**Rafa:** Transtorno de personalidade Borderline acomete cerca de 2 % da população mundial.

Frequentemente, pacientes Borderline não conseguem se manter por muito tempo no trabalho ou estudos. Possuem relações amorosas marcadas por brigas, discussões e términos extremamente dolorosos e muito mal digeridos.

**Camelia:** A angústia me vem da dúvida. Se sou normal, ou se é normal não ser a média como o resto do mundo que via.\*

**Rafa:** Cerca de 75% das pessoas com transtorno Borderline são mulheres.

**Gabi:** Atropelados pela sequência dos dias. Diluídos no ciclo lesto de cada hora.

**Rafa:** São sintomas: Esforços frenéticos para evitar o abandono, padrões de relacionamentos instáveis caracterizados por extremos de idealização e desvalorização. Distúrbio de identidade. Dificuldade de ser ver como uma pessoa única, estável, com vontades e objetivos próprios. Impulsividade em pelo menos duas áreas que sejam potencialmente danosas. Ela age sem pensar quando esta nos extremos do seu humor.

**Camelia:** E eu respirei três vezes antes. Não era nem de longe o bastante. Mas era a quantidade de ar que eu podia aspirar na hora. Como se cautela viesse com o ar. Eu achei que sim, sempre falaram. Eu fiz. Me doeu do mesmo jeito. Antes tivesse me sufocado. O moço que fez meu mapa astral disse que o problema era ar de mais. O ar que entra e sai de mim nem faz diferença. Não chega nem a ser suspiro.

**Rafa:** Comportamentos suicidas e de automutilação. Muitas vezes a pessoa Borderline se machuca, se bate, corta, mas sem intenção clara de se matar. Apenas sente que isso a conforta, como se a dor física melhorasse a dor psíquica. Instabilidade afetiva marcada pela forte reatividade do afeto. Sentimentos crônicos de vazio.

**Gabi:** Cada lágrima sufocada é uma pessoa indo embora. Cada gesto interrompido no ar, era um oi que não será pra mim. Ou um tchau.

**Camelia:** Eu tenho uma vontade de morte muito grande porque nunca coube em mim tanta vida. Eu observo pra saber como funciona, mas, como quem chegou ao jogo atrasada, não percebo. Geralmente falo pros lados e pessoas só balançam a cabeça. Para elas sempre digo que alguém é ladrão! Se notassem como eu morro ou a receita de bolo de cenoura que estou gritando. São só três ovos, eu juro! Três ovos e só. Não precisa ser tão cavalheiro a gente conversa disso depois moço.... Senta aqui. Nada de duas xícaras de farinha e cenoura e tal. Ninguém liga se esse bolo não tiver cobertura

**Rafa:** Dificuldades de controlar a raiva. Ideias paranoides relacionadas ao estresse ou a sintomas dissociativos graves. Episódios que chamamos de ausências.

Suspeita-se do diagnóstico quando a pessoa apresenta pelo menos 5 desses 9 sintomas

Acredita-se que este problema seja causado pela junção de três fatores: Traumas psicológicos na infância, temperamento vulnerável e eventos estressores que desencadeariam os sintomas

**Camelia:** Dentro daqui há

Um tanto de tudo

E um medo do nada

Dois terços de mim,

Quando pergunto exaltada,

Se há mais de mim

Ou mais de falta,

Resmungo baixinho,

Com a voz abafada:

“Às vezes tem de um tudo quanto cabe aqui dentro

Às vezes o tudo extravasa...”

O outro terço de mim,

A parte que estava calada

Suspira nervoso:

“Que conversa fiada!

Será que não tá vendo o vazio

Dessa sua alma furada?”

**Rafa:** Em termos psicológicos, a pessoa Borderline tem uma parada no desenvolvimento emocional mantendo uma visão de mundo e de se relacionar com as outras pessoas típica de fases imaturas da infância.

**Camelia:** Ela falou que eu tenho que crescer. Eu disse que crescer é para quem tem uma vida toda pela frente e isso não está nos meus planos.

**Rafa:** Elas não ultrapassam essa fase e não adquirem a habilidade de se diferenciar adequadamente dos outros. Elas se diluem nos outros e acreditam que não podem viver, de jeito nenhum, sem o próximo.

**Gabi:** Ao mesmo tempo tranco as portas e a garganta. Tranco meu corpo para não sentir as batidas.

**Camelia:** Não sei medir amor.

Não sei se meu amor é tão alto que pode chegar ao céu

Ou se ele é tão largo que até te cabe  
Se ele é comprido bastante pra te alcançar  
Se ele pesa  
Ou se ele é tão denso que é capaz de me afundar  
Se amo constante por muito tempo  
Ou se amo diferente em cada segundo  
Se amo tudo  
Ou se amo nada  
Talvez só ame, ponto.  
Como o próprio ponto que não tem medida.\*

**Gabi:** Não sinto nada. Não me sinto. Nem chego a existir. Nem resisto.

**Rafa:** As pessoas ao seu redor são vistas como partes ou extensões de si mesmo. Geralmente ocorre também o que chamamos de identificação projetiva que é quando ela arremessa os sentimentos negativos que são seus nos outros. Inconscientemente identifica que esses sentimentos vêm do exterior e não dela mesma.

**Camelia interrompe:**

**Camelia (para a plateia):** Perai gente! Vocês não estão achando que essa cena ta longa demais? Eu to. Porque é muito texto, é enrolar a moça no plástico, é drama, é chatice...

**Gabi (interrompendo):** Camelia!

**Camelia:** Perai Gabi, to falando com o publico! Só que a gente precisa fazer essa cena. Vamos fazer o seguinte: Ela já ta quase acabando. Só mais uns minutinhos.

**Gabi continua chamando por Camelia**

**Camelia:** Enquanto isso, bate um papo com a pessoa do lado. Em voz baixa, tá? Pode conferir o whatsapp, cuidado com a luz só. Rafa!!!

**Rafa aparece com uma garrafa de vinho**

**Camelia:** Isso! **(Entrega a garrafa para a plateia)** Gente, serve e vai passando tá?

**Gabi (aos gritos):** Camelia! Ta quente, aqui! Eu to bem desconfortável toda enrolada.

**Camelia:** Nossa! Desculpa Gabi. Vamos voltar então! Do inicio...

**Rafa:** Ahhh não Camelia! A gente fica voltando toda hora. Desse jeito isso num acaba nunca!

**Camelia:** Ta, desculpa! Vamos de onde paramos pra frente, beleza?

**Gabi:** Peraí, antes... É que eu queria um pouco de vinho. **(pra plateia)** Tem como alguém trazer aqui pra mim? É que eu to um pouco enrolada nisso tudo...

**Gabi bebe o vinho. Todos voltam aos seus postos antes da interrupção.**

**Camelia:** De onde a gente parou no três: Um , dois, três... **(canastrona e debochada)**

Faço meu o seu descaso

E por falta de abraço

Eu recorro ao cobertor

**Rafa começa a se enrolar junto de Gabi no plástico filme.**

**Rafa:** São pessoas com uma carga de dramaticidade muito grande dentro de si. Muito sensíveis, especialmente para sentimentos de amor, raiva. É como se a pele emocional da pessoa Borderline, que delimita o seu interior do meio externo, fosse muito fina e a qualquer movimento mais brusco pudesse se romper.

**Camelia:** Um desejo de morte crônico e uma urgência de vida. Me equilibro nisso.

**Rafa:** Dentro da pessoa Bordeline existe um turbilhão de angústias prestes a transbordar a qualquer momento.

**Camelia:** Estar presa eternamente no momento entre o relâmpago e o forte estrondo do trovão. Esperar o enorme barulho o tempo todo. Nem sempre é medo o que sinto. Às vezes é só saudade dos meus pés na terra encharcada e ansiedade por poder brincar depois da chuva.

**Rafa:** A possibilidade de se verem sozinhas resulta na sensação de que vão ser aniquiladas, destruídas, como se elas fossem se desintegrar, ao mesmo tempo em que quando muito próximas do outro podem se sentir invadidas devido a essa pele muito fina. Isso pode explicar o porquê de muitas vezes elas tomarem atitudes que ao invés de aproximar acabam afastando o outro.

**Camelia:** Me pego sem esperar. Vazia, como se nada ao meu redor me pertencesse, ou se não pertencesse ao meu redor. Sem expectativas, como se estivesse para ir embora e não precisasse mais de nada. Meio que de partida.

**Rafa:** Quase todos nós passamos por fases como essas na infância. A diferença é que a maioria de nós amadurece.\*

**Camelia:** É tanta coisa que às vezes sobra pouco.\*

**Rafa:** É comum pessoas Borderline desenvolverem depressão, quadros intensos de ansiedade. Psicoterapia ajuda buscando modificar uma das características fundamentais da pessoa TPB que é a difusão de identidade, ou seja, a falta de integração do conceito do eu. São geralmente utilizados também medicamentos como antidepressivos, antipsicóticos, estabilizadores de humor...

**Camelia Rafa e Gabi (Juntos):** flouxitina, sertralina, venlafaxina, citalopram, carbolitio, ácido valproico, olanzapina, quietiapina, diazepam.

**Gabi:** Maconha, açúcar, chocolate...

**Rafa:** São todos esforços para que ocorra o engrossamento da pele emocional para que aos poucos a pessoa passe a enxergar as coisas como realmente são.

**Camelia:** Qual é a verdadeira cor das coisas quando as cores são produzidas pela luz que reflete nelas?

**Gabi:** Só existo quando escrevo.

Papéis são palpáveis.

Guardo nas nuvens o que sentem meus pés, o chão.

**Rafa:** Para você que recebeu esse diagnostico isso faz algum sentido?

Faz algum sentido?

Algum sentido?

**Camelia:** Ébria de dor, como um alcoólico que se diz arrependido, resmunga mesmo que pra ninguém:\*

Antes não tivesse bebido tanta tristeza...

**Gabi:** Pausa

**Camelia:** Esqueci-me do último gole.



**Camelia bebe as pílulas todas que fez e depois toma um copo de água e cai como que desmaiada. Caem mais pedaços do teto. Black out.**

## **Cena 8**

**Camelia aparece iluminada apenas pela luz de um isqueiro que falha em acender. Ela traz consigo cigarros e uma faca. Ela coloca os cigarros nas bocas de Rafa e Gabi, os acende e corta o plástico que os enrola. Ela se afasta. Rafa e Gabi fumam enquanto jogam fumaça em Camelia.**

**Camelia:** Eu quero botar fogo em tudo, mas o fósforo sempre se parte. A pedra do isqueiro quebrou no último cigarro que eu consegui tragar. **(Sopram o rosto de Camelia)** Fumei inteiro, de uma vez só. Sentada. Inerte, enterrada pela cinza que caía do último cigarro que eu consegui tragar. A pedra do isqueiro quebrou e o fósforo sempre se parte, eu quero botar fogo em tudo, no último cigarro que eu consegui tragar eu fumei inteiro, de uma vez só, sentada, inerte eu quero botar fogo em tudo, no fósforo que sempre se parte. **(Sopram o rosto)** Por que você está me soprando? A pedra, enterrada pela cinza do último cigarro que eu consegui botar fogo. Se parte sempre. Parte de mim a vontade. **(Sopram o rosto de camélia)** Para de me soprar! Parte de você em de mim. Parte a porra da pedra do isqueiro que quebra sempre que eu tento botar fogo em tudo, no último cigarro que eu fumei inteiro, inerte, sentada, inerte. **(Sopram o rosto de camelia)** Me deixa ir... De uma vez só, de uma vez por todas, só dessa vez. **(Sopram o rosto de novo)** Sozinha... Me leva não, serio! Dessa vez, desse amor, dessa vez...

Desse amor desesperado,

Partem todas as certezas do nada.

Se a única certeza dessa vida é a morte

Morre comigo

Em cada vez que você me fizer sentir vida.

**Enquanto Camelia fala Gabi e Rafa se relacionam em uma partitura corporal.**

More comigo

Quando você for casa

Deita comigo quando o pé for pouco pra aguentar a rotina

Sonha comigo



**Camelia:** Desculpa te frustrar dia, mas você não me amanhece mais.

Dentro existe uma madrugada frenética, com um silêncio tão grande que não me deixa ouvir.

**Gabi:** Penso nos sonhos que trocamos pelo dia

**Camelia:** Mesmo as vozes da rua que fazem até vibrar a casa toda, chegam como sensações sonoras fantasmas, alucinações. Não música.

Do mesmo jeito do grito mudo que vejo quando choro de frente ao espelho.

Pensei na razão de não ouvirmos os sons do nosso corpo. O quanto insuportável seria ouvir a pulso do coração ou o ritmo de uma respiração ofegante ou todas as vontades engolidas com um pouco de água, três vezes ao dia conforme a posologia descrita na bula desses dias.

Contemplo as manchas silenciosamente causadas pela chuva na parede perto do meu sofá. Penso no que as lágrimas podem fazer ao rosto.

Não se envelhece. Se infiltra.

E se rui.

**Gabi:** Às vezes acordar não faz sentido

**Rafa:** Eu odeio bom dias! **(Debochado)** Bom dia? Bom dia? Isso é uma opinião sua!

**Camelia (calçando sapatos de salto, começando a dançar):** Queria saber dançar... Mas eu num sei voltar para casa. Como volta pra casa?

**Camelia começa a dançar com Rafa**

**Gabi:** Ao seu lado,

Insone,

Deitei-me no travesseiro que fiz de seus cabelos.

Atenta na vigília de seu sono.

Embalada pelo ritmo da sua respiração.

Imaginei o que vestia no seu sonho

E o que fazia lá, tão distante.

Com quais pensamentos dançava.

Você abriu os olhos,

Me olhou com certeza,  
Buscou minha mão  
E voltou a dormir.  
Naquele momento  
Senti que estava lá.  
Naquele momento  
Eu senti que estava no mundo.

**Camelia cai no chão. Se levanta sem graça.**

**Camelia:** Boa noite boa noite, mil vezes boa noite.

**Rafa:** Naquele dia eu decidi

Que era melhor te deixar ir embora

Eu nem queria me despedir

**Camelia:** Boa noite boa noite, mil vezes boa noite. Dança comigo? Não dá pra dançar sozinha. Não agora. Não tem por que...

**Camelia, Gabi e Rafa:** Naquele dia eu decidi

Que embora te quisesse tanto

Quanto antes você fosse

Melhor pra mim

**Camelia cai novamente**

**Gabi:** Impetuosa... Parece nome de flor...

**Camelia, no chão, começa a cantar Strawberry fields Forever dos Beatles. Se levanta assustada e gritando. Como se pássaros a atacassem. Gabi e Rafa veem esses pássaros.**

**Camelia:** Me atravessam. Não se parecem mais com morango. Eles te olham, tímidos, mas te olham. Acordar...

**Gabi (aos gritos):** Não faz sentido!

**Rafa:** Estou quase certo de que a impulsividade vem do medo.

Como aquele que pula para o abismo de olhos fechados

Sem flertar com o caminho.

E gritando

Para não ouvir a voz do vento que diz:

**Camelia:** Talvez essa não seja uma boa ideia. Não tem mão mais para segurar. Eu já não sei mais o que fazer com você... Eu já não sei mais o que fazer com você, eu já nem sei mais o que fazer com você...

**Gabi e Rafa:** Errada, torta, torta, torta. **(Tiram os sapatos de Camelia.)**

**Camelia:** Para. Tô com medo.

**Gabi:** Cada um com seu tempo. Não se mede João por José.

**Camelia:** Não dá mais tempo, ainda dá tempo?

**Rafa:** Mas agradece ao salto o solo firme.

**Bad trip total. Volta a se escutar os mesmos barulhos do final da cena 6 até a luz se apagar por completo. Rapidamente volta a luz, Camelia se levanta como se tivesse acabado de cair para trás, numa respiração forte, como se buscasse o ar. Cai mais um pedaço do teto./**

Corte.

## Cena 9

**Rafal:** Tô abrindo sua geladeira.

**Gabi e Camelia começa a recolher as cadeiras do publico. Rafa começa a bater um drink de tomates no liquidificador.**

**Camelia:** Tranquilo. Eu tô viciada naqueles vídeos de análise de expressões faciais. Penso neles até como estudo pro meu trabalho de atriz.

**Rafa:** Ohhh, o morango acabou, mas ainda tem tomate.

**Gabi:** Dá pra fazer Bloody Mary.

**Camelia:** Não sei se tem molho inglês. Tem um resto de vodka ali. Daí, saca só: Já pensou que os olhos são uma parte do cérebro que da pra ver? Tipo, eu posso ver toda hora. E...

**Gabi:** Não sei se isso tá certo.

**Camelia:** ... Se os pensamentos são impulsos elétricos...

**Rafa (Enquanto faz o drink):** Eu acho que os pensamentos são concretos, tem materialidade.

**Camelia:** Ahh,vai! Isso é meio ridículo. Então, se os pensamentos então são impulsos elétricos...

**Rafa:** Não, sério! Os pensamentos podem se concretizar...

**Camelia:** Materialidade? Como se o que eu pensasse tivesse massa, peso? Como se o que eu pensasse pudesse ser agarrado? Pelo amor de deus, não, espero que não.

**Gabi:** De repente eles podem adquirir forma e, sei lá...

**Camelia:** Não! Pelo amor de deus, os meus não. **(Ri irritada)** Imagina coisas caindo, pensamentos caindo no meio dessa conversa **(Ri)** cada coisa que eu inventasse aparecendo... As coisas que nem existem... Eu tava dizendo que se os pensamentos são impulsos elétricos...

**Rafa (interrompe):** Não é só porque uma coisa não existe que ela deixa de ser real.

**Camelia (Continua, forçando a fala e irritada):** ...No cérebro, talvez eu possa ver pensamentos só de olhar a atividade dos olhos.

**Gabi:** Os olhos são as janelas da alma!

**Camelia:** Lindo isso, mas foda-se! Ninguém quer ver sua alma. Querem ver seus pensamentos. Saber o que você tá pensando. Decifrar sua cabeça. Se falássemos que os olhos são as vitrines dos pensamentos talvez se olhasse mais nos olhos.

**Gabi:** Às vezes as coisas que você fala não fazem sentido... **(Pausa)** Vou fumar.

**Camelia (Acendendo um cigarro):** É porque eu escrevo em fluxo, ou frases soltas, depois eu tento organizar num dialogo. Nem sempre da certo.

**Rafa(Trazendo o drink):** Pronto!

**Gabi( Experimentando o drink):** Hummm, tá meio acido, né?

**Rafa:** Eu fico viajando nisso de escrever. Porque não é só escrever, né? Tem um trabalho em cima das palavras, escolher. Tipo, transformar em imagens. É tipo materializar ideias. Mais do que só contar uma historia.

**Camelia:** E principalmente decidir o que deve ser contado ou como deve ser contado. Escrever pra mim é como quando eu ganhava uma caixa de bombons. Lembro de sempre arrumar os bombons das caixas que ganhava respeitando alguma ordem. Geralmente do que eu mais gostava pro que eu menos gostava. Mas eu sentia muita pena dos bombons rejeitados. Pensava em como devia ser triste pro Shot ser preterido pelo Sonho de valsa. Não poderia jamais

viver com essa culpa. Daí comia o Shot primeiro pra ele se sentir importante. Mas me questionava se não estava apenas guardando o melhor pro final. Daí engolia o Sonho de valsa sem respeito algum. Mas não me satisfazia come-lo assim, sem nenhum ritual. Eu também me importava muito com ele. E eu percebia que sempre haveria um problema e que era mais seguro então só arrumar, guardar e visita-los de vez em quando. Olhar para eles todos organizados na caixa, em ordem. Intactos. Dessa forma eles permaneceriam perfeitos. Não existiria então qual era mais gostoso, qual era menos. Seriam apenas fantasias em embalagens coloridas, recheadas de cacau, gordura hidrogenada e possibilidades infinitas de prazer ao paladar. Perfeitos! Abrir a embalagem era a certeza do descontentamento.

Passar uma ideia pro papel é a certeza do descontentamento. É difícil fazer algo idiota e banal, como a gente, aqui, agora, ser interessante ao mesmo tempo em que tudo que tá aqui dentro é importante pra mim. Eu nem sei se consigo fazer isso.

**Gabi:** Tentar se destacar como dramaturga...

**Camelia:** É frustrante! Se perceber extremamente aristotélica quando a demanda do mundo é tão pós dramática.

**Rafa:** Piada interna de teatro. Num sei se todo mundo alcançou

**Camelia:** Aristoteles escreveu em sua poética que ...

**Gabi:** Chaaaaatoooooooooo. Nem se atreva!

**Camelia:** Bom, a vantagem é que eu nunca fui muita coisa então teoricamente a expectativa é baixa. É libertador ser medíocre. Se as pessoas saírem mediamente contentes já é um lucro, apesar de eu secretamente querer mais.

**Rafa:** E se ela morresse no final?

**Camelia:** Ela vai. Todo mundo vai.

**Rafa:** Não é isso! Tipo, se o final fosse ela morrendo? Consumida por tudo. Enterrada por tudo.

**Camelia:** Morte é sempre uma boa solução. Resolve bem geralmente. E me polpa trabalho.

**Gabi:** E se tudo fosse um sonho?

**Camelia:** Eu ainda num pensei como isso vai acabar. Se bem que considero sempre a morte com uma boa ideia. Me pouparia o esforço de solucionar o final. Eu escrevi a morte dela varias vezes, mas nunca deu certo. Acho que ainda num sei como fazer dar certo. Talvez não fosse um final bem recebido. Iriam me chamar de covarde por fazer "o mais fácil". Chamariam de um final obvio.

**Gabi:** Quem?

**Camelia:** Quem tá assistindo. Olha! (**Aponta o público**) Tão esperando um grande final, talvez positivo. Pra irem pra casa mais tranquilos, ou tomar uma cerveja comentando como foi fantástica a solução que eu arranjei pro final. “Nossa! Como ela amarrou tudo certinho no final, heim? Que bacana!”

**Rafa:** Você escreve pra quem?

**Camelia:** Pra ninguém... Pra todo mundo. Eu escrevo muita coisa. Mas mostro aquilo que eu penso que querem ver. E Deus sabe como é difícil ser aquilo que querem ver, que preferem ver. Escrever o que querem ver.

**Gabi:** Acho estranho você não ter um final, mas já ter um título.

**Camelia:** Eu sempre começo com um título. É a primeira coisa que eu penso. É assim na vida. O nome é das primeiras coisas que a gente tem. Depois vai construindo a história do nome. Ninguém vive sem nome e daí, na hora que vai morrer diz: “Olha, vou chamar Antônio. Acho que combina, diz sobre a história. Sucinto, mas forte. E bem chamativo. Acho que todo mundo vai ficar instigado com esse nome”.

**Rafa:** Um final bom às vezes salva o espetáculo.

**Camelia:** Sim. Mas não é o caso aqui.

**Rafa:** Dá um sentido para aquela história. Mostra o porquê, dentre tantas, decidiu-se recortar aquela fatia de realidade, passar por uma lupa, e apresentar.

**Gabi:** Revela a relevância da história.

**Camelia:** Mas isso aqui não tem relevância nenhuma. Se vierem esperando por uma experiência transformadora, inspiradora vão ficar decepcionados. É só mais uma peça com um argumento fraco, cheia de clichês, desculpa safada pra falar de mim. Tentativa ridícula de romancear uma existência vazia. Ninguém vai perder nem 2 minutos comentando como foi ruim. Alias, talvez ninguém veja. Ninguém vê teatro mesmo. Ninguém vê essa merda!

**Rafa:** Porra! Mais respeito! Tradição de mais de 5000 anos.

**Camelia:** 5000 anos? Já deu então. Já tá na hora de acabar. Talvez depois disso decidam de vez que tá na hora de acabar.

**Gabi:** Mas já teve tanta coisa ruim nessa sala... Essa aqui pode nem ser a pior... Calma...

**Camelia:** Calma? Calma... Ta me pedindo calma. Ter calma como? Olhar pra tela em branco e ver um espelho e não gostar do que tá refletido. Merda! Me diz se essa foi uma boa ideia. Hein? Foi uma boa ideia escrever isso? Receber



a critica? Ter a confirmação de que tá errada, de que não serve pra fazer isso? Dar a chance do outro saber o como você é medíocre, tola, incompetente? Foi uma boa ideia fazer isso tudo? Hein? Responde!

**A luz abaixa aos poucos. Gabi e Rafa somem. Não se ouve a resposta nem se vê mais os atores. Telefone toca. Camelia Atende. Ela acende as luzes do local.**

**Camelia:** Oi! Em casa. Tô saindo agora. Aham, a imobiliária vai mandar um pedreiro Não, ainda não. Tô levando a ultima versão agora pro ensaio. Acho melhor mostrar pessoalmente. Tá. Quando eu voltar te ligo. Beijo. Te amo tudo.

**Camelia deixa o local.**

**Fim?**